

O Românico em Lousada: a Torre Medieval de Vilar *

(Continuação da Revista Municipal N.º 48, Dez.07)

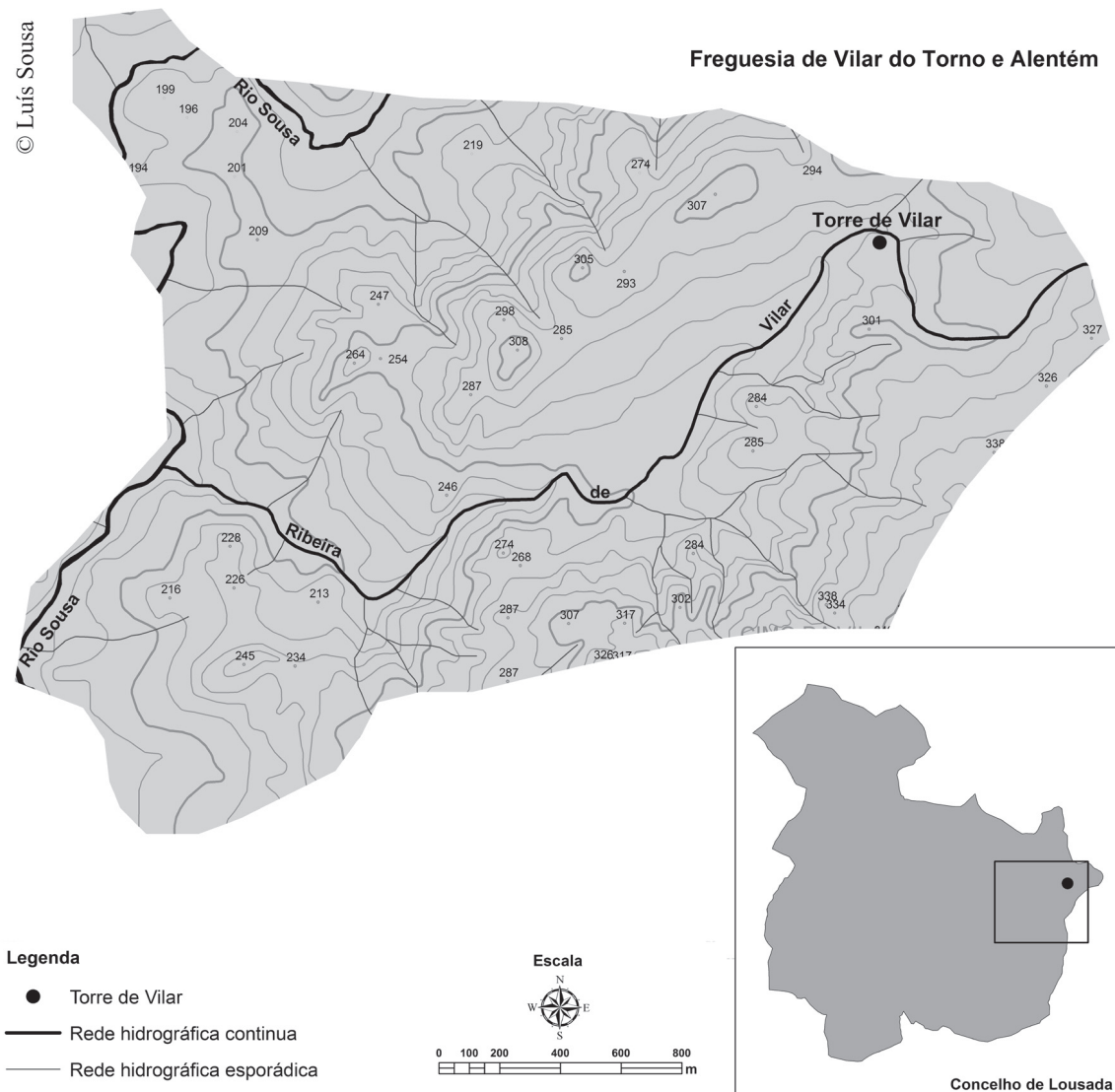


Fig. 1 Localização da Torre de Vilar

Com este artigo damos seguimento ao que, no passado mês de Dezembro, publicamos com o título “O Românico em Lousada: a Torre Media-

val de Vilar”. O objectivo destes artigos é de coligir o que de mais importante se escreveu sobre a Torre de Vilar.

* Cristiano Cardoso Técnico Superior de Ciências Históricas da C. M. L.



Fig. 2 Interior da Torre de Vilar antes da intervenção de restauro.

De certa forma já mencionado quando falamos do que escreveu José Augusto Vieira na sua obra “O Minho Pittoresco”, importa contudo assinalar uma frase de Pedro Augusto Ferreira, abade de Miragaia e continuador da obra de Pinho Leal após a sua morte, que nos diz que a torre, à data em que foi comprada pelo Visconde de Alentém, *tinha sómente as paredes denegridas* (Leal, 1886:1284). Esta frase sugere-nos que a torre estava desprovida de quaisquer vestígios de pisos ou escadas de épocas anteriores e que as estruturas em madeira que permitiam a subida ao topo nos princípios do século XX eram obra do restauro efectuado pelo fidalgo lousadense.

A Enciclopédia Portuguesa e Brasileira volta a servir-se do trabalho do Abade de Miragaia, mas acrescenta uma interrogação e uma proposta acerca do encomendador da torre: *Trata-se, por certo, da torre paçã da honra de Vilar medieva, mas não se sabe se foi da estirpe dos «de Riba de Vizela» se da dos «de Ataíde» - talvez antes daquela, por ser também a padroeira da igreja paroquial, o que faz crer que os «de Ataíde» entraram na honra pela entrada na estirpe dos «de Riba de Vizela».* (Grande Enciclopédia..., 1981:838).

No Guia de Portugal também encontramos alguns dados muito interessantes: *Ignora-se a épo-*

ca da sua construção, de nítida feição afonsina, uma das mais típicas relíquias da arquitectura guerreira da região. Encontra-se na freguesia de Vilar, próximo da linha confinante com a freguesia de S. Fins. A designação de Torre dos Mouros é de sabor nitidamente popular; não se sabe em que época foi edificada, nem por quem. O que se reconhece é o seu patente cunho medievo. Supõe-se que seria pertença, no tempo de D. Dinis, do conde de Barcelos, Martim Gil de Sousa, alferes de El-rei e mordomo do Infante D. Afonso (futuro D. Afonso IV). Mais tarde teria passado para a posse dos duques de Bragança (senhores de Lousada).

Segundo Alberto Sampaio, essa torre teria sido construída na época em que ainda pairava a ameaça das incursões mouriscas. A torre destinar-se-ia a servir de “torno”, isto é, de refúgio das populações rústicas em ocasiões de perigo. O arqueólogo regional António Pinho inclinava-se a crer que essa fortificação isolada faria parte da linha defensiva que principiava em terras de Basto, no Castelo de Arnóia e se prolongava até à Torre de Travanca e daí à Torre de Soalhães (Marco de Canaveses). A torre, de estrutura quadrangular, robusta e bastante alta, tem apenas uma porta, de arcatura românica. A meia

altura apresenta algumas seteiras. Os alicerces assentam em fundo rochoso. O eirado antigo ruiu, tendo desaparecido as ameias que decerto o coroavam. Em algumas cantarias notam-se diversas siglas. Pelo aparelho cerrado e forte, e pelo vulto, a Torre é muito semelhante à chamada Torre de Quintela, ainda existente nas cercarias de Vila Real, na freguesia de Lordelo (Guia de Portugal, 1985:621-624). É de especial importância a referência que aqui se faz às teorias avançadas por Alberto Sampaio e António de Pinho.

Num trabalho de inventariação do património de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira realizado em 1995 pela empresa Etnos é dito que a torre evidencia ter tido três pisos superiores, o último dos quais melhorado pelas frestas que encontramos ao seu nível. Mas a torre foi muito restaurada no século XIX. E acrescenta, com reservas, que as poucas siglas, alfabéticas, ou não, todas elas simples, o bom aparelho e o res-salto da sua base sugerem-nos que esta torre,

talvez outrora associada a uma casa-forte, possa datar ainda do século XIII. Se for do século XIV é, então, muito arcaizante.

Faltam-lhe os merlões que provavelmente terá tido. (Patrimonium..., 1995: ficha 32)

O professor Manuel Vieira Dinis também se debruçou sobre a Torre de Vilar num artigo publicado no Jornal de Lousada de 10 de Maio de 1947. O autor foca especialmente a questão dos senhores da torre e avança três opiniões recolhidas de outros investigadores. Aludindo à carta existente no cartório do Mosteiro de Bustelo, redigida em S. Fins do Torno a 24 de Fevereiro de 1306 (informação certamente cedida por Abílio Miranda), avança a hipótese de esta torre ter pertencido ao Conde de Barcelos. Recolhe também a opinião de Alberto Sampaio de que a torre terá servido de “torno” numa época em que pairaria ainda a ameaça dos árabes. Também aceita a teoria de que esta construção estaria incluída num sistema defensivo que ligaria Arnóia a Soalhães.

E conclui: *Do que não resta dúvida é que a Torre dos Mouros, centro de interesse para um magnífico passeio de recreio e de estudo, fôra no dobar dos séculos torre roqueira para asilo e defesa dos povos das redondezas. Tudo o que se puder fazer a bem da conservação e estima desse velho documento do Portugal de lança e cruz, é de apreciar e de louvar.* (Dinis, 1947:2591) Não deixa de ser curioso que este desígnio se tenha cumprido cerca de 60 anos após o artigo de Vieira Dinis, fundamentalmente pela acção importante da Rota do Românico do Vale do Sousa.

Um outro autor, o Dr. Henrique de Meneses, admite a hipótese de a Torre de Vilar ter servido como casa-forte, interrogando-se até se a herança de D. Sancha e dos seus irmãos Pedro e Fernando, não estaria na Torre de Vilar. A argumentação funda-se na leitura do testamento de D. Sancho I que deixa à filha Sancha uns *marcos de prata que tenho em Santa Cruz*. Meneses crê que se trate de Santa Cruz de Riba-Tâmega e não Santa Cruz de Coimbra, como é mais comumente aceite. (Meneses, [s.d.])

Na página do Instituto Português do Património Arquitectó-



Fig. 3 Alçado sudeste antes da intervenção de restauro.



Fig. 4 A Torre de Vilar inserida na paisagem.

nico (IPPAR, agora IGESPAR), na ficha relativa a este monumento, vemos reforçada a datação geralmente aceite que enquadra a construção da torre por finais do século XIII ou princípios do século seguinte, sempre com reservas, mencionando a carta de doação da torre (e outras terras) a Aires Gomes da Silva, em 1434. Objectivamente, esta é a datação mais antiga documentalmente comprovada. A defesa de uma datação anterior tem vindo a ser sustentada, por diversos investigadores, com base nas características assinaladamente de gosto românico que o edifício apresenta. Em síntese, *a data de edificação da torre de Vilar do Torno situa-se entre os finais do século XIII e os primeiros anos da centúria seguinte, havendo algumas dúvidas na datação devido ao facto de apresentar soluções estruturais ainda de gosto românico.*

Pode afirmar-se, no entanto, que a estrutura do torreão estava já completa em 1434, ano em que

D. Duarte doou por carta a Torre de Vilar, e outros lugares próximos, a Aires Gomes da Silva. De planta quadrangular, a sua estrutura dividia-se interiormente por cinco pisos, embora actualmente restem apenas os apoios dos pavimentos. Nas fachadas foram rasgadas várias seteiras e duas janelas rectangulares, havendo no piso térreo uma porta de arco de volta redonda com tímpano que permite o acesso ao interior. A implantação da Torre de Vilar não se prendia com questões defensivas, mas antes com o facto de ter sido edificada como uma manifestação de poder senhorial. (IPPAR)

No próximo Suplemento do Património, a sair em Abril no número 52 do Boletim Municipal daremos continuidade a este artigo, no qual se procederá a uma breve síntese do que aqui foi apresentado.

Bibliografia Consultada:

Impressa:

DINIS, Manuel Vieira – *Conheça a sua terra*. In “Jornal de Lousada”. Lousada: Tipografia do Jornal de Lousada. Ano XL, n.º 2591 de 10.5.1947.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, [1981]. Vol. XXXV.

Guia de Portugal: Entre Douro e Minho. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.

LEAL, Pinho – *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Cota d'Armas, [DL 1990]. Vol. XI.

MENESES, Henrique de – *A freguesia de São Fins do Torno: onomástica do seu orago e origem da designação de*

Torno. A torre medieval da freguesia de Vilar. [s.l.]: [s.n.], [s.d.]. (Para consulta: Arquivo do Gabinete do Património Histórico da C. M. L.)

Documentos Electrónicos:

Instituto Português do Património Arquitectónico. [em linha]. [Consultado a 3.1.2008]. Disponível em WWW: URL: http://www.ippar.pt/pls/dippar/pat_pesq_detalhe?code_pass=71817

Patrimonium: Inventário das Terras de Sousa. Concelhos de Felgueiras, Lousada e Paços de Ferreira. [CD-ROM]. Porto: Edição Etnos, Lda, 1995.